



CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: CONVERSAS COM PACIENTES TERMINAIS¹

SCIENCE AND SPIRITUALITY: TALKING WITH TERMINAL PATIENTS

Maria Tereza Penha de Araújo Silva²

A pesquisa aqui apresentada foi idealizada a partir das reflexões que envolvem a vida, a humanidade e a ciência. Como não se trata de uma temática nova, já que vem sendo discutida ao longo dos tempos também nos espaços acadêmicos, nos propomos a investigar a conformação da ciência e da espiritualidade num diálogo com pacientes terminais, para tentar compreender como os avanços científicos, na área da Medicina, são entendidos por esses pacientes e como são incorporados às suas vidas na iminência da morte.

Nesse sentido, procuramos observar como a espiritualidade era exercida por esses pacientes e quais instrumentos objetivos e subjetivos eram utilizados para o enfrentamento desse momento da condição humana, chamado morte.

No início da pesquisa, ouvimos alguns comentários de que se tratava de um tema ousado, instigante, e que sinalizava o enfrentamento de muitos desafios. Contudo, acreditamos na relevância da temática a qual nos propomos estudar, por pensarmos que ela traz alguns aspectos inovadores para a sua discussão, tanto nas Ciências Sociais como para as Ciências da Saúde, a partir do momento em que provoca curiosidade e promove, talvez, novos debates em torno dessa polêmica inter-relação: ciência e espiritualidade.

Os motivos que nos levaram a pesquisar sobre essa temática foram duas grandes inquietações, as quais nos levaram a uma terceira: a primeira

¹ Dissertação defendida em setembro de 2006, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior.

² Psicóloga, especialista em Educação Especial e Psicopedagogia, Mestre em Ciências Sociais, professora do Curso de Especialização em Psicopedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú/CE.

motivação surgiu a partir do relato de um jovem médico, que era nosso cliente na clínica psicológica. Esse profissional bem conceituado, recém-chegado de um estágio com a principal equipe responsável, no Brasil, pelas pesquisas com células-tronco, falou-nos, durante uma das sessões, sobre sua angústia e frustração, apesar de todo o conhecimento adquirido durante o curso de graduação, o tempo em que fora médico-residente e os cursos de pós-graduação, portanto, como uma vasta formação científica. Relatou esse médico que tudo isso não fora suficiente para torná-lo forte, sem sofrer ou se envolver com a situação do paciente, no momento de dar-lhe a notícia, ou à sua família sobre o pouco tempo de vida que lhe restava, mesmo dispondo dos indicadores da ciência necessários à confirmação do seu diagnóstico. Ele questionou: como fazer? Como agir diante da situação? Esse cliente levou-nos a refletir sobre o que é feito na formação médica em relação à questão da ciência e da espiritualidade, no tocante à relação médico e paciente, e morte.

A segunda motivação foram os relatos de algumas experiências espirituais de proximidade da morte, vivida por três amigas bem próximas, uma das quais faleceu em 2004, logo que iniciamos a pesquisa. E a terceira motivação surgiu como conseqüência das outras duas: a necessidade de um maior entendimento do que significa morrer, partindo-se de concepções filosóficas, sociológicas, antropológicas e religiosas, especialmente do que significa estar morrendo; o que a ciência tem a dizer sobre o inexplicável fim da vida humana. E, também, sobre a espiritualidade e o que ela pode ou não fazer para corroborar a ciência nesse sentido.

A pesquisa foi conduzida, inicialmente com base em discussões a respeito do sentido que teria a espiritualidade e a relação alma e corpo para alguns autores como Leonardo Boff, Roberto Crema, Edgar Morin, Fritjof Capra, Jean-Yves Leloup, Orivaldo Pimentel Lopes Jr., James Hillman, entre outros. Já na introdução, sinalizávamos que nossa pretensão era fazer uma leitura dos relatos de pessoas que estavam enfrentando o processo de finitude da vida, tendo como referência as prováveis pontes, elos e conexões entre a ciência e a espiritualidade.

Mesmo entendendo que a ciência moderna ainda é o paradigma dominante, procuramos desenvolver a pesquisa pautada numa idéia de ciência que esteja voltada para a prática humanitária da Medicina; que resgate o

espaço da sensibilidade: que entenda que o seu caminho não leva à negação de sentimentos nem de sofrimentos, tendo em vista uma postura não dualista. A espiritualidade é entendida, por nós, como uma forma de ação e de atitude diante do mundo; uma espiritualidade que nos possibilite ver a temporalidade das coisas, para entendermos que a vida se constitui numa oportunidade para crescermos e aceitarmos nossas limitações, nosso envelhecimento e nossa mortalidade. Por assim pensarmos, procuramos compreender como esses dois construtos humanos, a ciência e a espiritualidade, estão presentes nos depoimentos de pacientes terminais.

A pesquisa desenvolveu-se em duas dimensões: uma focada no referencial teórico e a outra na pesquisa de campo, em momentos concomitantes, mas foram tratadas metodologicamente de formas diferentes. Assim, a primeira (referencial teórico) serviu de suporte para a compreensão dos conceitos acerca de ciência, de espiritualidade e de pacientes terminais; e a segunda permitiu refletir sobre ciência e espiritualidade diante do enfrentamento da morte, por meio do conteúdo dos depoimentos dos sujeitos.

A dimensão teórica foi tecida a partir de leituras de livros e artigos sobre a ciência e a espiritualidade, principalmente no que se refere aos pacientes terminais, no sentido de fazer uma pesquisa com uma visão socioantropológica e fenomenológica, com a finalidade de construir as reflexões acerca da vida e da morte, e das marcas da ciência e da espiritualidade, que foram encontradas nos depoimentos.

A dimensão empírica foi desenvolvida tendo como instrumento básico para a “colheita” de dados uma conversa focal sobre os momentos da descoberta da doença, até o momento no qual se deu a conversa.

As conversas aconteceram na própria residência dos sujeitos; foram marcadas por telefone, ocasião em que explicávamos, rapidamente, o que estávamos pretendendo estudar e a importância do depoimento deles para a nossa pesquisa. No primeiro contato, nós explicamos mais detalhadamente o nosso trabalho e perguntamos a cada sujeito se ele realmente estava disposto a conversar conosco. Os sujeitos foram selecionados de acordo com alguns critérios: pacientes com diagnóstico de câncer, adultos, residentes na cidade de Natal/RN, com acompanhamento médico sistemático e em perfeito estado de consciência, sem comprometimento fonoaudiológico, com formação

superior, e, considerados pela Medicina, através dos indicadores científicos (tais como radiografias, resultados de exames, entre outros), como pacientes terminais. A conversa foi pensada a partir de um roteiro dialogal composto por questões abertas, mas que continham uma pauta orientadora. Esta pauta foi guiada por cinco pontuações que conduziram à análise: a) o sujeito singular (ideado como aquele que encontra sua maneira particular de se reconstituir, de se reorganizar para continuar vivendo e de reencontrar forças para poder chegar até a fase final da doença e da vida; b) impactos do diagnóstico (em que procuramos fazer a leitura do impacto causado pela notícia da doença em cada sujeito); c) indicadores da ciência (quais os instrumentos apontados pela Medicina para se chegar ao diagnóstico, e como o sujeito singular reagiu a ele); d) marcas da espiritualidade (onde procuramos verificar as expressões do espírito: dos sentimentos, da afetividade, da arte, da religiosidade, no enfrentamento da doença e da perspectiva real da finitude da vida; e) medo da morte (onde procuramos ressaltar o que os sujeitos verbalizavam com relação ao medo da morte). Desse modo, na primeira parte da dissertação, ou seja, na introdução, problematizamos a temática da pesquisa, apontamos a metodologia, sinalizamos os objetivos, motivações, questionamentos, relevância e aportes teóricos.

Na segunda parte, intitulada, *Os caminhos da ciência e da espiritualidade: a doença e a morte*, procuramos mostrar os caminhos percorridos pela espiritualidade desde a Antigüidade, passando pelo Renascimento, até chegarmos à Modernidade, identificando os antigos paradigmas e os paradigmas contemporâneos, e as possíveis pontes entre a ciência e a religião. Apoiamo-nos em autores como Ted Peters, Mircea Eliade, Aldo Natale Terrin, Eduardo Cruz, Orivaldo Pimentel Lopes Jr., entre outros. Tentamos fazer uma discussão histórico-antropológica sobre a morte e o morrer, trazendo à luz o discurso da ciência moderna sobre essas questões. Falando sobre a doença e a morte, procuramos fazer uma incursão pela história da prática da Medicina, desde Hipócrates, ressaltando também as idéias de Galeno, Paracelso e Versálio, até chegarmos ao século XIX, onde surgem as primeiras metodologias para desvendar os complexos mistérios do funcionamento do corpo humano. Fazemos ainda um breve relato sobre o câncer com a doença. Para isso, utilizamos autores ligados a essa área, como Susan Sontag e

Ivonete Kowalski, que ressaltam o poder dominante das doenças-metáforas em determinadas épocas, como a lepra, nos tempos bíblicos, a peste, na Idade Média, a tuberculose no século XIX, e o câncer e a AIDS, no século XX. Ressaltamos, ainda, a questão da doença câncer e mostramos como o médico lida com o apoio da ciência sobre a questão da morte. Finalizamos discorrendo sobre o sentido que tem a morte no mundo ocidental, com base na arqueologia da morte realizada por Phillippe Ariés, na relação do homem com a morte, segundo Edgar Morin, e na experiência terapêutica de Elisabeth Kübler-Ross.

Na terceira parte, intitulada, *Ciência e espiritualidade: conversas com pacientes terminais*, tentamos descrever detalhadamente o caminho percorrido para realizar a pesquisa teórica e empírica, apontando os critérios adotados e os instrumentos e procedimentos utilizados na pesquisa de campo, esclarecendo também como foi feita a análise dos dados colhidos. Enfocamos, ainda, como foram realizadas as conversas, o processo em si e sua concretização. Apontamos, por outro lado, uma terceira voz nas leituras e releituras das conversas com esses pacientes, e apresentamos os sujeitos singulares com as particularidades possíveis de ser informadas e os seus relatos, de acordo com as pontuações que elegemos para nos auxiliar na condução da análise e interpretação dos depoimentos. Os sujeitos entrevistados receberam nomes fictícios: Cecília, uma arquiteta de 45 anos; Lúcia, 55 anos, advogada; Renato, graduado em Comunicação, 57 anos; e Anita, 60 anos, pedagoga. Tentamos ainda mostrar a possibilidade de um dueto entre ciência e espiritualidade, ancorados nos depoimentos dos sujeitos, procurando fazer uma articulação com a literatura, com o cinema e com a teoria. Ser a terceira voz foi, com certeza, a etapa mais difícil dessa pesquisa, já que tínhamos que fazer a releitura dos depoimentos dos sujeitos, ampliando suas palavras, sem tentar explicá-las. Fomos, então, buscar ajuda na vasta experiência de Kübler-Ross e de Leloup, no pensamento de Morin e Eliade, e na filosofia de Platão; além de recorrermos também, ao cinema, à poesia e à literatura para poetizar a voz dos sujeitos sem tirar o seu verdadeiro sentido.

A quarta parte da dissertação são as considerações finais, onde ressaltamos o nosso interesse em levantar uma discussão histórico-antropológica sobre a morte e o morrer, por sentirmos falta de um discurso médico que fale sobre essa questão, unindo essas visões. O interesse em

construir pontes entre ciência e espiritualidade significa subsidiar uma melhor preparação dos pacientes terminais e de suas famílias no enfrentamento da doença. Vimos que a espiritualidade expressada pelos sujeitos não envolvia necessariamente religião, embora alguns recorressem a ela, de forma consciente, para agradar a outras pessoas (como foi o caso de Cecília) ou como recurso para busca de paz (de acordo com a fala de Renato e também de Cecília). Observamos que cada sujeito autodefine sua espiritualidade como uma experiência subjetiva e particular, sempre colocando experiências de vida. Isso nos permite afirmar que a espiritualidade pode ser um atributo da personalidade de cada sujeito, carregada da composição da história particular e da cultura. Por isso, consideramos difícil formular um conceito, nesse sentido, sem enquadrá-lo numa visão complexa tanto da ciência como da própria espiritualidade. Concordamos com autores como Roberto Crema, que sugere que a reflexão sobre a morte deveria fazer parte dos programas educacionais, pois é uma lacuna grave na formação dos profissionais de saúde. A humanização da Medicina e da prática médica através da espiritualidade, com o objetivo de aumentar as chances de cura de pessoas com doenças terminais tem sido algo de interesse mundial. Aquela imagem da Medicina (e do médico), limitada a tratar doenças e eliminar sintomas, indiferente às condições de ordem interna e subjetiva do paciente é algo que tem se tornado cada vez mais ultrapassado. Acreditamos que ainda há muito que aprender sobre a ação das emoções, dos pensamentos e da cultura no processo de recuperação e cura dos doentes. A ciência tem mostrado que, em alguns casos, emoções e pensamentos, que produzem verdadeiras interações com a energia vital, asseguram a saúde, a vitalidade, quando conseguem fluir livremente. Daí a necessidade crescente de também pensar o ser humano pela ótica holística, ou seja, da relação de suas partes com o todo e do todo em relação às suas partes. Assim, vida e morte são partes de um mesmo processo.

Observamos como a cultura está presente no medo da morte. Afinal, a cultura a qual pertencemos nos foi afastando, ao longo dos séculos, da morte, tornando-nos alheios. Não aprendemos como fazem os orientais, a tecer os fios da vida do início ao fim; por isso, a atitude de denegação da morte é tão comum na nossa sociedade.

Enfim, essa pesquisa conduziu-nos, dentre outras questões, ao entendimento que a fábula da vida é também a fábula da morte; e que a ciência e a espiritualidade não podem ser pensadas como dois mundos separados. Vimos que a ciência, apesar de não manter um diálogo explícito com a espiritualidade, aponta, através de suas formas de representação, para os indicativos do processo que culminará com a morte. Nesse sentido, ela é eficiente, e seus indicadores mostraram isso. Percebemos que houve desafio aos indicadores da ciência por parte de dois sujeitos, o que acarretou em agravamento do quadro clínico dos mesmos, pois ambos relataram isso em seus depoimentos.

Embora tenhamos encontrado algumas respostas para nossos questionamentos, pensamos que novas considerações continuarão a ser feitas sobre a temática, a partir deste estudo. Não acreditamos que seja correto fazer generalizações a partir dessas respostas. Além disso, diante de um universo bem significativo de pessoas com doenças terminais, selecionamos para a pesquisa pacientes terminais com câncer e colhemos os depoimentos de apenas quatro sujeitos (muito embora tivéssemos selecionado seis sujeitos; porém dois deles faleceram antes de colhemos seus depoimentos).

O nosso desejo é que as reflexões suscitadas neste trabalho, a partir do tema ciência e espiritualidade, tendo como foco o processo de morrer e a morte, sirvam como uma chama, ainda que pequena; uma luz, para iluminar novas reflexões. Afinal, trata-se de um tema que não tem fim; um estudo que jamais poderá dar-se como acabado, tanto no que se refere às questões relacionadas à doença e à terminalidade da vida, como também no que diz respeito a tudo o que está relacionado com a experiência humana e com a realidade cósmica.

Procuramos entender por que a ciência dominante não dar conta de pensar e oferecer instrumentos de enfrentamento da morte. É certo que existem algumas tentativas das psicologias no sentido de oferecer instrumentos ao sujeito para esse entendimento, porém por outras vias e não pela vida da espiritualidade.

Vamos continuar a pensar que esse enfrentamento pode acontecer por meio de uma ciência nova que dialogue com a espiritualidade. Uma ciência que não separe razão e emoção. E, como sinaliza Lopes Jr., uma espiritualidade

não dualista, disposta a um compromisso com o encantamento do mundo, mas que não despreze a razão.

Palavras-chave: ciência; espiritualidade; pacientes terminais.